

Jéssica Martins Costa

*

Jéssica Martins Costa nasceu em Belo Horizonte em 1992. Graduada pela Faculdade de Letras da UFMG, é tradutora e revisora. Mora atualmente em João Pessoa.

E-mail: jessicamartinscosta@gmail.com

OS OSSOS

a floresta atravanca ou abre,

pra mim,

mulher manca

e sem referências.

já quero saber a história toda antes

pra nunca mais correr a lâmina

do engano:

não aqui, benzinho, e não agora,

e não mais.

não desde que cortei

fundo o dedo na faca cega

depois de descobrir os bichos

inevitáveis em todas as frutas
& o cheiro dos predadores

eu tinha flores, mas veja, morreram
sob o meu olhar.
e renasceram na terra,
e viraram outra coisa,
algo mais.

absorvi essa substância do cálcio
e do gelo até ser outra coisa
densa como um cristal
um cavalo um gato
um animal puro que vê
e corre

tátil

dos seus olhos surgirão as imagens azuis do mundo

meu corpo, caindo, vai cair no seu.

seu corpo não é duro, ele se dá

à maciez como fosse vento que acaricia abismo

e desfaz as bainhas dos vestidos.

meu corpo, caindo, vai cair no seu.

porque minha ruína vai ser o amor

do mistério como mistério, como deve ser,

sem ser resolvido ou desdobrado.

porque quando o desdobro, como se desdobram

dedos ou braços ou mechas de cabelo

já ele não é mistério
e as coisas que não são mistério
são eu, com meu coração que solta tinta
nas mãos dos outros.

dos seus olhos surgirão as imagens azuis do mundo
e eu, a bem da verdade o que queria
era roubar os seus olhos.

ver se eles soltam tinta nas minhas mãos também.

a bem da verdade preciso dizer

só voltar pra casa com as mãos sujas

vale o passo

pra fora

chão

do centro cerrado

da rosa que se fecha sobre si

mesma nascer um mar

um quintal uma brincadeira

de comer espinhos como se fossem

carne não como se fossem

o que corta na carne

nascer um amor falho equivocado

que come espinhos

como se fossem pétalas

de tudo isso nascer uma flor

surpreendentemente importante

e pequena

que só se dá ao olho

a cada década

morrer no mesmo dia

depois partir da casa

a casa fica

os muros sempre convites ao pulo

os espinhos sempre prontos

a anteceder o quintal